**“RENART e CHANTECLERC” –**

 **Por uma abordagem semiótica do estatuto do actante-sujeito /RENART/**

Dra. Nícia Ribas D’Ávila

Unimar- Universidade de Marília.

Texto verbal por segmentos. Embasamento científico: Teoria de Jean-Claude Coquet.

*I – Renart* (a raposa), *o malandro, chega ao pátio da granja de Mestre Constant das Granjas. E o que ele vê? Uma brecha na cerca e Chanteclerc* (o galo), *que dorme ligeiramente. Como um raio, ele se joga dentro do cercado. Tarde demais! Chanteclerc, que dorme com um olho só, salta e escapa!*

*II - Renart, furioso por ter perdido a presa, busca uma artimanha.*

 *-“Ei, Chanteclerc, não fujas”, grita-lhe, “tu és meu primo irmão! Nós somos do mesmo sangue, eu prefiro morrer a te ver na desgraça. Tens tu o talento de Chanteclin, teu defunto pai? Deus meu, sua voz era tão possante que ele cantava com os olhos fechados!”*

*III - A este longo discurso, Chanteclerc se deixa amolecer e quer provar a Renart que ele bem se assemelha a seu pai. Ele fecha os olhos e joga com toda a força a sua voz de falsete que se escuta ao menos a 20 cercados de distância!*

*IV – Renart, impaciente, monta sobre um repolho vermelho, se joga, agarra o galo e foge.*

*V - Neste instante a encarregada da granja atraída pelo reboliço do galinheiro percebe a raposa, que carrega sua presa. Enquanto ela grita: “Ladrão” – esgoelando-se, as pessoas do vilarejo vêm ao seu socorro. Elas se põem a correr gritando: “Malandro”! Renat corre sem parar.*

*VI - Chanteclerc, que sente crescer o perigo, encontra por sua vez uma engenhosa saída: “Renart, disse ele, escutas tu as injúrias que eles te lançam? Não vais tu responder-lhes? Diz-se que a loucura ataca até os mais sábios”*

*VII - Renart profere em voz alta: “Ah! Eu levo vantagem apesar de vocês!”*

*VIII - Quando ele descerrou os dentes, Chanteclerc bateu as asas e foi pousar sobre uma macieira, estourando de rir. “Vejam como desta vez o enganador foi enganado!” E Renart, todo pesaroso se vai, cabisbaixo.*

(Extraído de Le roman de Renart, d’après des récits du Moyen-Age)

DADOS ELUCIDATIVOS

 O presente trabalho constitui a sequência de duas análises do mesmo conto extraído da obra *Le roman de Renart (Renart et Chanteclerc),* segundo os relatos da Idade Média.

 A reprodução encontrada é de G. Charbonneau-Éditions Jacques Riquier-Paris, nº 1214 - 4º trimestre de 1976.

 Resultantes da assiduidade aos seminários do Groupe de Recherches Sémio-linguistiques (EHESS), essas duas análises, já publicadas, (D’Ávila, 1990, p. 23 – 42)[[1]](#endnote-1) e (D'Ávila, 1992, p. 65 – 76)[[2]](#endnote-2), foram efetuadas quando da realização do nosso D. E. A. (Diplôme d’Études Approfondies. Sorbonne, Paris III.1981) – equivalente ao mestrado no Brasil, fazendo parte do cumprimento de créditos exigidos na França para a obtenção do doutorado, com habilidade nas teorias Semióticas de A.-J. Greimas, e J.-C. Coquet.

NOÇÕES PRELIMINARES.

 Jean Claude COQUET, em sua obra *Le discours et son sujet* (1984: 203) [[3]](#endnote-3) , resultante de sua tese de *Doctorat d’État*, faz clara demonstração do sistema de isotopias do qual anexamos apenas uma síntese na parte introdutória deste trabalho, no intuito de facilitar a compreensão da teoria Coquetiana no que concerne às principais características que definem tipos de sujeitos envolvidos nos discursos. Por meio de sua tese, Coquet tentou estabelecer prioridades direcionadas à construção de uma Tipologia Modal do Discurso. A leitura de algumas de suas obras que expressam esse objetivo seria o primeiro passo indicado para a percepção mais detalhada de suas concepções, pois são, as mesmas, peculiares, profundas e inovadoras no que concerne à perspectiva semiótica, na apreensão do sentido quanto à qualidade das reflexões. Porém, dada as dificuldades em encontrá-las nas livrarias brasileiras, traduzidas ou não, propomo-nos a fornecer alguns detalhes imprescindíveis à compreensão desta análise simplificada do conto “RENART e CHANTECLERC”.

DIMENSÕES E ISOTOPIAS.

O sujeito é analisado visando não somente o seu /Fazer/ narrativo, como também o seu /Ser/ narrativo, para a qualificação da sua identidade.

No discurso, o sujeito poderá situar-se nas Dimensões do Saber, do Poder ou do Querer, sendo abrangido por isotopias: do saber, do poder, do querer e do dever durante seu percurso narrativo, conforme o momento em que ocorrem as performances.

A Dimensão é abrangente, englobante; a isotopia é abrangida, logo, englobada. A Dimensão existe para demonstrar a situação predominante em que se coloca o sujeito em questão, no nível da modalidade, determinante indispensável à sua identificação como actante-sujeito-enunciante.

Num universo isotópico, será o actante-sujeito observado ora no nível cognitivo, ora no pragmático, ora no volitivo, ora no deôntico.

Trabalhar apenas com as sequências modais, como, por exemplo, qps (querer-poder-saber), ou spq (saber-poder-querer), sem precisar a Dimensão na qual o sujeito está inserido, e sem precisar a existência da modalidade isotópica do /Dever/ que indica a dependência do sujeito enunciante em relação a um destinador posto ou pressuposto, oferecer-nos-á uma imagem truncada e distorcida do seu estatuto actancial.

Para COQUET, podemos encontrar no discurso duas espécies de relação, a saber: 1) **a relação binária**, isto é, o Sujeito em relação ao Objeto desejado. Neste caso, as isotopias encontradas teriam um caráter simples, nos níveis do saber, do poder ou do querer, sem estarem determinadas pela modalidade do dever, o que nos levaria implicitamente à figura do destinador da mensagem; 2) **a relação ternária** designa um Destinador (detentor de um poder implícito) e sua relação com o Sujeito e o Objeto implicados. Essa relação faz com que o **Dever** se apresente como modalidade sub-determinante, indispensável à identificação do actante sujeito que passa a ser observado como aquele que Deve algo em relação ao destinador do discurso, e que deverá ser cobrado no decorrer dos programas narrativos.

No primeiro caso (**relação binária**), quando o sujeito se encontra na dimensão do Saber (S = dimensão cognitiva), a isotopia encontrada é de natureza simples, modal. Coquet, para este caso, cita três espécies de Saber, quais sejam:

O Saber epistêmico ---- S: Is --- --- SS

O Saber político----------S: Ip --- --- SP

O Saber filosófico -------S: Iq --- --- SQ

No segundo caso (**relação ternária**), o Saber poderá ser observado da seguinte maneira:

Saber positivista (ou teológico) ---S: Is (Id) --- --- SSD

Saber ideológico --------------------S: Ip (Id) --- --- SPD

Saber metafísico --------------------S: Iq (Id) --- --- SQD

Podemos notar, neste caso, que as isotopias adquiriram um caráter composto, em função do Dever que determina o comportamento do sujeito heterônomo, responsável pelas transformações dentro do discurso.

Coquet demonstra, ainda num quadro de modalidades por ele elaborado, o Princípio de Combinatória de Discursos possíveis, denominado tipologia modal, onde, dentro das dimensões ora do Saber, ora do Poder, ora do Querer, inserem-se as isotopias do saber, poder, querer e dever, em múltiplas realizações. Essa tipologia modal não será explorada, no momento, em virtude da não-frequente utilização da mesma em nossa análise.

O OBJETO SEMIÓTICO (Texto/Discurso).

Neste texto será analisado o estatuto do actante – sujeito Renart (a raposa), observado como um “indivíduo” que busca sua identidade utilizando, para tanto, uma forma antropomórfica.

**Notas explicativas –**

pp = pressuposto ou implícito. D = destinador; S = sujeito;

O = objeto. Λ = conjunção; V = disjunção; S: (Ip) Id = dimensão do Saber que regra a isotopia do poder, que, por sua vez, está subordinada à isotopia do dever;



 **~ =** equivalência.

**1.** Para uma abordagem do estatuto do Sujeito.

* 1. **– O actante-sujeito /Renart/.**

Renart se impõe como actante-sujeito de nossa escolha em virtude de ser o personagem que desenvolve um comportamento notável no que concerne ao maior número de modalidades executadas no transcurso da narratividade.

De acordo com os contos da Idade Média, Renart aparece constantemente aos olhos dos leitores como um personagem “naturalmente” sabido, astuto, afamado, em função de um contexto social que outorga uma certa identidade ao sujeito em questão, atribuindo-lhe o cognome de astuto, “malandro” ( ~ objeto frástico), em função do seu agir, do seu “ser”. A sociedade é, por assim dizer, a produtora do discurso, o “eu” da enunciação.

No desenrolar da análise referente ao percurso narrativo do nosso sujeito, nós tentaremos definir a sua identidade, seu estatuto de actante-sujeito, seu “ser” narrativo.

**1.2 – A estrutura e o estatuto do Sujeito**

1. **...Segmento I ...”Renart, o malandro, chega ao pátio da granja”**

Chegar ao pátio de uma granja, tratando-se de uma raposa, significa que o animal tem um querer ligado à vontade (instinto) de agarrar uma ave (presa), comê-la para sobreviver, preservando desse modo sua existência. Neste caso, nós poderemos dizer que a **fome**, representada por sua natureza biológica no instinto de preservação da vida, desenvolve o papel de Destinador (manipulador), obrigando nosso actante sujeito, figurativizado por S1 a buscar para si o alimento.



V = disjunção; Λ = conjunção.

|  |  |
| --- | --- |
| Pressuposto | Manifestação |
| Destinador: a **fome**D : S, 0 (programa virtual)D ----> (S Λ 0) | R (D, S, O)S---> S Λ O (programa virtual)Ft---> (S---> (S V O---> S Λ O ---> S V O):Programa realizado. |

 O destinador é aquele que pode (pp-Poder). É aquele que possui a modalidade de Meta-querer (relação de vontade a vontade). Como nós não podemos separar a natureza biológica de um sujeito operador, poderemos, então, considerar Renart como um Sujeito do meta-querer: manifestação preliminar a toda comunicação, 2° Hjelmslev (Coquet,1979:12)[[4]](#endnote-4)

 O percurso de S1 na fase inicial se apoia em duas modalidades: o Dever (PP), imposto pelo destinador, que submeterá o Querer (posto) de S1. Renart é comandado pelo seu desejo, pelo seu instinto de comer. Ele quer, sem saber se pode ou se sabe. Seu querer precede seu /poder-fazer/ e seu /saber-fazer/. Neste **segmento I,** o Saber está subordinado ao Querer: o pensamento, ao desejo: a racionalidade é negada. O Querer regra o Saber...



Uma brecha: objeto frástico (modal) = /Poder – agarrar/

O galo que dorme... : objeto Valor = /Querer – agarrar/

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Ver | Posto | Descritivo |
| Saber | Implicado | Modal |

Ver é o traço diferencial de todo conhecimento; “Ver” é também /dominar/ segundo Coquet (1973: 181 e 206)[[5]](#endnote-5).

 A chegada de S1, na granja, coloca-o na posição de Sujeito Qps; porém, quando ele vê o galo através da brecha na cerca, uma transformação comportamental é verificada, colocando-o em posição de identidade ao /Eu + / = (Je +) QPS, Sujeito do desejo, freudiano, cf. Coquet (1974: n°11)[[6]](#endnote-6). Nós podemos constatar que o /ver/ conduz S1 à dimensão semântica do /Saber/. Em relação à brecha, esta dimensão será retomada (ver é saber), tendo a inserção da isotopia do /poder/ (ideológica), predominante, intervindo sobre a isotopia do /dever/. A brecha é um /poder-fazer/ (poder-saltar) e agarrar o objeto visado pelo seu instinto (destinador). Ex.: S: (Ip) Id.

 A dimensão do Saber, em relação ao galo, projeta a isotopia do /querer/ (metafísica) que atravessa todo o texto, condicionada pelo /dever/ (Id), que por sua vez, é originário de uma determinação (implícita). Ex.: S: (Iq) Id. O /dever/ é considerado como fator constitutivo do /querer/ do Sujeito na sequência “qps” (sujeito de busca); o sujeito semântico, S1, neste caso, assume pessoalmente a modalidade do /dever/.

 ... “Como um raio, ele se joga dentro do cercado”...

Q ------------- p “jogar-se”

s

Ele não pensa; ele se joga. Contudo, o ato de jogar-se, que afirma um desejo, precede lógica e cronologicamente a identidade que ele produz. Nosso sujeito S1 será, então, considerado como “QPS” que pressupõe: “eu sou tudo”, “eu sou o grande Renart”. Apesar de ser portador de um /poder-entrar/ no cercado através de uma brecha, o ato de S1 resultou em fracasso por falta de um /saber/ reflexivo e teórico para /poder-agarrar/ o galo que, dormindo com um olho só, saltou, escapando-lhe. A partir deste fazer de qualidade negativa (Fa Q-), apesar da aproximação de S1 ao objeto-Valor num espaço englobado (dentro do cercado), podemos considerar S1 como um sujeito do Querer sem o poder e sem o saber, ou seja:

[[7]](#endnote-7).

* 1. – b) ...**Segmento II** ...”Renart (a raposa), furioso... busca uma artimanha”

Após ter constatado seu fracasso, S1 inaugura um programa de busca de um /saber/, ou seja, de uma forma de um /saber-fazer/ = a artimanha, para afirmar a sua identidade. A artimanha, vista como um instrumento, um talismã, fará S1 engajar-se num processo por meio do qual ele assegurar-se-á de sua supremacia. O /saber/ (cognitivo) predomina sobre o /poder/ (pragmático). A razão se faz predominar em relação ao comportamento instintivo de S1. Esta sequência pode ser observada da maneira seguinte: [Saber-Poder] <--------/Querer/. Trata-se de um /Saber-Poder/, saber teórico ou reflexivo que comanda o /Querer/. No universo semântico, buscar uma artimanha coloca S1 na dimensão do /Querer/, onde a isotopia do /Saber/ (positivista) é predominante, embora condicionada pela isotopia do /dever/ = comer.

 Ex.: Q: (Is) Id --------> Tipologia Modal

Nesta fase onde o /Saber/ regra a sequência, S1 se apresenta como um sujeito 

 em situação de alteridade, tentando reafirmar sua identidade. Para capturar o galo, ele desenvolve um /Fazer/ persuasivo, manipulador, para fazê-lo crer como verdadeira (ser + parecer), uma mentira (parecer + não ser)... “eu sou teu primo irmão”... etc.

|  |  |
| --- | --- |
| Fazer (execução do programa)**Artimanha** Saber-fazer = saber-dizer “discurso”1 2 | Programa hipotáxico de uso |
| S1 -----> (S1 V 0) ----> (S1 Λ 0); virtual | Programa de Base |

O galo Chanteclerc acredita no “discurso” (Saber-dizer) e S1 o agarra (segmentos III e IV). Neste instante, S1 se transforma em Sujeito “SPQ”, sujeito de direito, conjunto ao Objeto Valor = o galo. (S1 Λ O), corresponde à posição de Sujeito “Je -”, segundo Coquet (1973: 248, 249) [[8]](#endnote-8).

Exemplificando:



 Porém, esse sucesso é temporário. Para preservar a sua presa, “...Renart corre sem parar” ...(segmento V). S1 sabe que deve fugir para poder conservar o galo consigo e comê-lo tranquilamente em outro lugar. Neste instante, S1 se encontra na dimensão semântica do /Saber/ onde duas isotopias são inseridas e dispostas segundo a ordem de pertinência: a isotopia do /Poder/ e a do /Dever/.

 Ex.: S: (Ip) Id = SPD = Saber Ideológico.

 **Nota**: O /Dever/ deriva de um /meta-querer/ do destinador.

No VI segmento, observamos uma espécie de estratégia utilizada pelo galo, tentando manipular S1 por intermédio da provocação, a abrir a boca para responder aos injuriadores.

 No VII segmento S1 acredita em verdadeiras (ser + parecer) as “injúrias” que, são na realidade, mentiras (parecer + não ser). Quando S1 descerra os dentes para responder aos “caluniadores”, perde sua presa (o galo), retornando à posição de :



**Conclusão (implicação)**

 Regra: Se Renart não agarrar Chanteclerc, não poderá ser considerado sujeito competente.

... “E Renart, todo pesaroso se vai, cabisbaixo” ...(segmento VIII).

 Agora, poderemos constatar que, no lugar de uma função (F) /enganar/, uma outra inversa, que nós figurativizamos por (F –1) /ser enganado/, em relação ao actante-sujeito em questão, deverá ser atribuída. Porém, /não possuir/ não é uma condição suficiente para afirmar um fracasso total em relação à identidade de S1, pois ela resultaria, em verdade, não somente de um /Fazer/ parcial, mas de um /Ser/ total.

 No momento em que se conclui o primeiro ato (tentativa de possessão), nós testemunhamos o estabelecimento de um contrato bilateral entre Renart e Chanteclerc.

Entre o estabelecimento e a manutenção do mesmo, o /Fazer/ e o /Ser/, para S1 o estado de tensão não ficou resolvido.[[9]](#endnote-9)

 Em relação ao seu “ego”, S1 continua como Sujeito do /Querer/ (instintivo),



apesar do fracasso do seu ato.



 Nosso parecer, em conformidade com a situação (a), é relacionado ao /Ser/ de S1; e com a situação (b), ao seu /Fazer/.

 Em relação ao seu /Fazer/, S1 está de acordo com seu fracasso, embora tristemente o aceite. Porém, em relação ao seu /Ser/, ele não admite o fracasso, pois seu instinto implicando sua natureza astuciosa, o “sabido”, força um /Querer/, que, não realizado, conduzirá a um novo /Querer/.

 Diante do seu /Fazer/, será considerado um Sujeito



e, em relação ao seu /Ser/, um Sujeito



como S1 se apresentou no início deste conto.

**1.2.1. – Modalidades Veridictórias ------(Quadrado Semiótico)**

 A situação de S1 em relação à artimanha:

I – S1 parte do Verdadeiro (pressuposto) – “naturalmente sabido”.

II – S1 chega ao Falso (posto), quando não agarra o galo.

III- S1 se situa num estado de mentira (manipulação explícita)

IV – S1 se coloca na ordem do Verdadeiro (posto) = (S1 Λ O).

V – S1 termina no domínio do Falso (posto) = (S1 V O).

**O percurso de S1 e sua avaliação, na Estrutura elementar da significação**:



**1.2.2. – VISÃO CÍCLICA DO TEXTO**



* 1. **– Sistema de Modalidades e funções manifestadas**

1ª Sequência

|  |  |
| --- | --- |
| Sistema de modalidades | /Querer/ ----> [Poder-Saber] |
| Funções manifestadas  | /chegar/ ----> /ver/ ----> /jogar-se/ |

2ª Sequência

|  |  |
| --- | --- |
| Sistema de modalidades | /Saber-Poder/ ----> /Querer/ |
| Funções manifestadas | /dizer/ ----> /agarrar/ ----> /correr/ ---->/descerrar os dentes/ ----> /ir-se embora/ |

Nota: O /eu/ que se afirma na primeira seqüência não pode ser o mesmo da segunda sequência.[[10]](#endnote-10)

**1.4. Conclusão**

 Apesar desta análise ser considerada como um simples ensaio no que concerne ao **estudo** da teoria do professor doutor Jean Claude Coquet e sua **aplicação**, estimamos que a mesma possa servir de introdução ao estudo da referida teoria e à maneira de desenvolvê-la, tendo por finalidade chegar-se a uma tipologia do sujeito **falante** ou **executante** em qualquer espécie de discurso, seja ele **verbal** ou **não-verbal**.

 É bem verdade, que para uma tipologia do Sujeito, aquele que busca a sua identidade, o seu estatuto de actante-sujeito, estudos bem mais aprofundados, no que tange a cada caso isoladamente, devem ser desenvolvidos, uma vez que esta teoria apresenta uma riqueza imensa no caráter lábil das modalidades. O sujeito, segundo Coquet, é um bailarino em constante estado de transformação, fazendo-nos assim observar alterações ininterruptas das modalidades na análise de seu percurso narrativo, no mais variado plano de combinatórias

**NOTAS**

1. D’ÁVILA, N. R. *Renart e Chanteclerc - Análise semiótica do texto* – *embasada na teoria de A. J. GREIMAS.* In: Leopoldianum - Revista de Estudos e Comunicações **-** Unisantos. vol. XVI (n° 47). Santos: Ed. Unisantos, l990b., p.23-42. [↑](#endnote-ref-1)
2. \_\_\_\_\_\_\_ *Renart e Chanteclerc - Por uma abordagem semiótica do estatuto do actante-sujeito /RENART/* - conforme teoria de J.-C.COQUET. In: Leopoldianum - Revista de Estudos e Comunicações - Unisantos vol. XVIII (n°52). Santos: Ed. Unisantos, 1992, p.65-76. [↑](#endnote-ref-2)
3. COQUET, J. C*. Le discours et son sujet (vols. I et II) – Essai de Grammaire*. Modale- Paris : Klincksieck, 1984 e 1985. [↑](#endnote-ref-3)
4. \_\_\_\_\_\_\_\_ *Le sujet énonçant*. Actes Sémiotiques. Documents 03. Paris, 1979. [↑](#endnote-ref-4)
5. \_\_\_\_\_\_\_\_ *Sémiotique Littéraire.* Paris : Ed. Mame, 1973. [↑](#endnote-ref-5)
6. \_\_\_\_\_\_\_\_*Sémiotique du discours et analyse de contenu*. Connexions II. (Une étude d’analyse). Paris, 1974. [↑](#endnote-ref-6)
7. \_\_\_\_\_\_\_ *Sémiotique Littéraire*. M. Mame: Paris, 1973. p. 173: “é suficiente o aparecimento do /não poder/: , para que o /Saber/ se transforme em negativo /não saber/: 

 \_\_\_\_\_\_\_ *Sémiotique Littéraire* elucidando sobre: “Je +”, “Je-”, “On” e “ça”.

 \_\_\_\_\_\_\_\_*Sémiotique Littéraire*... p. 252

 \_\_\_\_\_\_\_\_ *Sémiotique Littéraire* ... p. 197.

\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\* [↑](#endnote-ref-7)
8. [↑](#endnote-ref-8)
9. [↑](#endnote-ref-9)
10. [↑](#endnote-ref-10)